Cartas Bordadas

Cartas Bordadas

Embroidered Letters

Ivete Souza da Silva[1]
Universidade Federal de Roraima, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-9895-0957

Resumo

O presente texto discorre sobre o trabalho artístico *Cartas Bordadas* realizado durante a pesquisa de Estágio Pós-Doutoral, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC, 2018-2020). A pesquisa teve como objetivo construir proposições educativas que abordassem as questões interculturais a partir da narrativa dos moradores das cidades de Boa Vista, capital do estado de Roraima-RR e Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina-SC. *Cartas Bordadas* é a terceira e última etapa da pesquisa, uma não-síntese que reúne fragmentos de narrativas contadas em cartas escritas e trocadas entre os moradores das duas cidades. São fragmentos de narrativas, desenhadas com linhas e palavras. São linhas que tecem escrituras bordadas misturando histórias narradas em cartas. Nos escritos reflito sobre meu percurso com o bordado e com a pesquisa, sendo a memória o fio condutor dessa conversa.

Palavras-chave: bordaduras; cartas; proposições educativas; arte têxtil.

[1] Pós-Doutora em Educação (UFSC, 2020), Doutora em Educação (UFSM, 2013); Mestre em Educação (UFSM, 2010); Licenciada em Pedagogia (UFSM, 2008). Professora Adjunta na Universidade Federal de Roraima, atua no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Curso de Artes Visuais Licenciatura. Líder do grupo de Pesquisa CRUVIANA – Educação, Arte e Intercultura. Possui interesses de pesquisa em Educação Intercultural, Ensino da Arte, Bordado, Antropofagia Cultural Brasileira. ivetesouzadasilva@yahoo.com.br. http://lattes.cnpq.br/4056290560443523

SILVA, Ivete Souza da. Cartas bordadas. Revista CARTEMA, Recife, n. 10, p. 67-89 Abr. 2022.
Disponível em: https://doi.org/10.51359/2763-8693.2022.251323

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Resumen

En este texto se analiza el trabajo artístico *Cartas Bordadas* logrado durante la investigación de la Pasantía Postdoctoral, desarrollada en el Programa de Postgrado en Educación de la Universidad Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC, 2018-2020). La investigación tuvo el objetivo de construir propuestas educativas que aborden temas interculturales a partir de la narrativa de habitantes de la ciudad de Boa Vista, capital del estado de Roraima-RR y Florianópolis, capital del estado de Santa Catarina-SC. *Cartas Bordadas* es la tercera y última etapa de la investigación, una no-síntesis que reúne fragmentos de narraciones contadas en cartas escritas e intercambiadas entre los vecinos de las dos ciudades. Son fragmentos de narrativas, dibujadas con líneas y palabras. Son hilos que tejen escrituras bordadas mezclando historias narradas en letras. En los escritos reflexiono sobre mi trayectoria con el bordado y la investigación, siendo los recuerdos el hilo conductor de esta conversación.

Palabras clave: bordado; cartas; propuestas educativas; arte textil.

Abstract

This text discusses the artistic work called *Cartas Bordadas* (Embroidered Letters) carried out during the Post-Doctoral Internship research, developed in the Post-Graduate Program in Education at the Federal University of Santa Catarina (PPGE/UFSC, 2018-2020). The research aims to build educational proposals that address intercultural issues from the narrative of residents of the cities of Boa Vista, capital city of Roraima-RR and Florianópolis, capital city of Santa Catarina-SC. *Cartas Bordadas* is the third and final stage of the research, a non-synthesis that brings together fragments of narratives told in letters, which were written and exchanged between the residents of the two cities. They are fragments of narratives, drawn with lines and words; threads that weave embroidered scriptures mixing stories narrated in letters. In the writings I reflect on my journey with embroidery and research, with memory being the guiding thread of this dialogue.

Keywords: embroidery; cards; educational propositions; textile Art.

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Pontos iniciais

O que penso em contar aqui são bordaduras da memória. De minhas memórias e de memórias alheias. Memórias entre-laçadas pelo gesto do bordado que por meio das linhas tecem conversas e brincam no tecido despretensioso. São fragmentos da pesquisa que desenvolvi no Estágio Pós-Doutoral na Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil, na área da Educação[2] acompanhada pelo Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães durante o período de 2018 a 2020. Construir proposições educativas que abordem as questões interculturais a partir da narrativa dos moradores das cidades de Boa Vista, capital do estado de Roraima-RR e Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina-SC (estados brasileiros localizados em pontos geográficos extremos RR/Norte e SC/Sul) foi seu objetivo e dele nasceram as *Cartas Bordadas*. A terceira proposição educativa, não-síntese da pesquisa, que reúne fragmentos de narrativas contadas em cartas escritas e trocadas entre os moradores das duas cidades (Boa Vista e Florianópolis) durante as duas primeiras proposições educativas *Delicadezas e Re-Existências*.

Para falar das *Cartas Bordadas* e do processo que me levou até elas, é preciso falar um pouco de mim. As origens e identidades que me constituem traçam as linhas que levam a essas bordaduras e a conduzem em todo seu fazer. Sou brasileira, nascida no estado do Rio Grande do Sul e moradora no estado de Roraima. Antes de prosseguir, abro parênteses para falar brevemente do Brasil, buscando assim situar a leitora e o leitor. O Brasil é o maior país em extensão da América do Sul e o quinto maior do mundo. Seu território possui 8 514 876 km² e é formado por 26 Estados Federativos, sendo o Rio Grande do Sul o estado mais ao Sul e Roraima o Estado mais ao Norte com sua capital Boa Vista localizada totalmente no Hemisfério Norte.

No Rio Grande do Sul vivi os primeiros 32 anos de vida, entre o interior e a cidade me constitui gaúcha (como chamam as pessoas nascidas neste estado). Havia em mim uma referência muito forte de toda a cultura construída e ensinada neste estado, o chimarrão (bebida indígena) é o exemplo mais forte que me atravessa até os dias de hoje. No Rio Grande do Sul e entre a localidade de Mata Grande e a cidade de Santa Maria construo minhas memórias. Em Mata Grande vivo a infância e início da adolescência, tenho as experiências com as linhas, com o bordado, a costura, o crochê e o tricô, todas proporcionadas/provocadas

[2] A pesquisa intitulou-se "Do Caburaí a Ilha da Magia: proposições educativas e performativas" e realizou-se no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, na linha Educação e Comunicação.

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

por mulheres: minha mãe, minhas avós e minha professora alfabetizadora. Os homens também compõem a construção dessas memórias, o meu pai com as manualidades em trançados de couro e produção de rede de pescador; e meu avô materno com seu conjunto de dicas e críticas na arte do bordado. Em Santa Maria vivo minha formação acadêmica e profissional, junto com a primeira experiência de maternidade – essa talvez tenha sido a bordadura mais desafiadora que produzi… Tecer com os fios da vida a própria vida.

Em 2013, já na fase final da realização do Doutorado em Educação, decido andar por outros territórios para dar início a atuação profissional. Nessa busca chego em Roraima, mais precisamente em sua capital Boa Vista, e então começa um processo de re-des-construção teórica/epistemológica/cultural/identitária. As diferenças culturais existentes entre meu estado de origem e o estado que havia escolhido para morar eram gritantes e retumbavam em meus ouvidos desequilibrando o labirinto. Me sentia estrangeira em meu país. Logo eu que pesquisava sobre intercultura e Antropofagia Cultural Brasileira. Logo eu que escrevia sobre a importância de se relacionar com o outro/o estrangeiro/o diferente, com olhos livres respeitando sua cultura/fazeres/saberes. Era como se todas as teorias que havia estudado e todas as produções intelectuais que havia publicado caíssem por terra. Não era fácil conviver com o diferente. Não era simples viver em outra cultura. Não era espontâneo o diálogo entre saberes tão distantes. Essa experiência atua como um dispositivo disparador para redirecionamentos e reconstruções pessoais e profissionais, me levando a um processo de pesquisa sobre as identidades que me constituem e posteriormente as identidades do Norte e do Sul, na busca da possibilidade da construção de diálogos interculturais entre elas.

Depois de 5 anos trabalhando em Boa Vista-RR, lecionando e desenvolvendo pesquisas, sinto necessidade de voltar ao Sul. De poder viver novamente nessa região agora com o olhar re-des-construído e ver quais tecituras interculturais seriam possíveis. Já havia construído possíveis tecituras a partir de minhas memórias e do estudo que estava fazendo sobre as identidades que me constituíam, e voltar ao Sul seria importante para avançar nessas reflexões. Nesse processo de retorno geográfico, percebo que não quero voltar para o Rio Grande do Sul e que conhecer outros Suis era necessário. Embora tenha vivido maior parte da minha vida na região Sul percebi que não a conhecia, talvez por nunca ter saído do estado do Rio Grande do Sul, e era chegada a hora de buscar conhecer um pouco mais. Decido então ancorar o barco na *Ilha da Magia*, nome carinhoso com que os habitantes da cidade de Florianópolis a chamam por conta de suas lendas e mitos fantásticos, e então busco a orientação do Prof. Dr. Leandro

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Belinaso Guimarães, que me acolhe em seu grupo de pesquisa com carinho e me instiga a movimentos ainda não pensados, como por exemplo: escrever cartas.

Para continuar a contação dessa experiência de pesquisa e a tecitura dos fios que constituem as tramas do tecido e das bordaduras dessas memórias atravessadas, peço a leitora e ao leitor licença para falar sobre minha aproximação com o bordado; em seguida contar-lhes um breve panorama do que foram as proposições *Delicadezas e Re-Existencias*, que deram origem as *Cartas Bordadas* – o destaque deste texto. Tentarei ao final deixar os arremates em aberto para que as bordaduras se desfaçam se assim desejarem, e possam se re-inventar conforme suas vontades e necessidades.

Bordados da memória

> Poderíamos supor que a memória do tempo fica depositada na matriz original. A sucessão miserável do tempo nos é apresentada de forma diluída e condensada. É como se cada dia a gente bebesse uma gota homeopática de tempo, cuja erva maturada vem da raiz da eternidade. Estou com sede de leite materno. (DERDYK, 2010, não paginado)

O tempo… Ah o tempo! Guardião da memória, senhor da cura. O tempo que nos presenteia com o agora e nos convida a re-Visitar lugares do passado para lidar com os desafios que ele mesmo nos a-Presenta. E foi em um desses momentos de inquietude e busca que o cheiro do "leite materno" ressurge em minha memória. Então me volto a um tempo onde o brincar era o compromisso mais urgente e lá encontro, entre bonecas e bolas de gude, afetos ancestrais e cheiros de amor misturados às agulhas, linhas, tecidos e uma árvore de algodão.

A árvore de algodão ficava em algum lugar do pomar e era pouco percebida pelos amigos e familiares que frequentavam a casa. Ela foi cultivada por minha avó paterna, que morava conosco, e a última colheita de algodão que fizemos virou um travesseiro, feito por suas mãos para meu filho primogênito. Foi minha avó paterna também, que me ensinou a bordar o ponto cruz e proporcionou minhas primeiras experiências com as linhas. O material era improvisado: saco de um tecido chamado juta (usado para armazenar arroz), linhas de lã (retirados de blusas velhas que eram desmanchadas) e agulha de costurar saco. Assim dei meus primeiros pontos, e como diria Judhit Derdyk (2010, não paginado) "costurei a linha em minha mão" e ela nunca mais saiu. Com minha avó materna me experienciei com a costura acompanhando atentamente as roupas que produzia. Ficava curiosa tentando entender os cortes que transformavam tecidos

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

em roupas e, atenta aos retalhos tentava aprender a manualidade com a produção de roupas de boneca. Entre a produção de tapetes bordados e roupas de boneca estavam as outras brincadeiras dessa primeira fase da infância. Nas horas vagas dos dias chuvosos acompanhava meu pai na produção de indumentárias para a lida campeira como corda de couro e rebenque. Adorava observar a precisão com que ele cortava o couro. Lembro até hoje do cheiro do couro molhado! Outras vezes observava ele produzindo ou concertando rede para a pesca, lembro que cheguei a aprender e até ajudar em concertos simples.

Mais tarde, mas ainda na infância, aprendi a fazer tricô com minha professora alfabetizadora. Não, esse não era conteúdo das aulas de alfabetização! Eu que tive a feliz oportunidade de abrigar ela em minha casa. Ela estava iniciando sua carreira docente e o tricô havia sido até ali a sua principal fonte de renda. Eu era sua fiel companheira e aprendiz. Ficava ao seu lado encantada com a agilidade com que cruzava as linhas nas agulhas e fazia nascer delas peças de roupas lindíssimas. Minha mãe e eu quisemos aprender com ela, e as linhas e agulhas ganharam um protagonismo no cotidiano doméstico. A professora ensinava tricô para minha mãe; minha mãe ensinava crochê para a professora; e eu aprendia os dois. Todo o tempo livre era tempo para as linhas. Elas nos acompanhavam nos passeios e guardavam os segredos das rodas de conversas. Sem ter consciência desta ação preservávamos um fazer ancestral, e assim, em "sussurante conversa de mulheres", como diria Tamara Kamenszain, éramos também criadoras desta vasta "cadeia inquebrantável de sabedoria por transmissão oral que nunca foi reunida em livros" (KAMENSZAIN, 2000, p. 02).

As manualidades e as narrativas andam juntas ao longo da história. Por meio delas e com elas, as mulheres ocuparam espaços de revolução social e cultural e também fizeram e fazem suas revoluções pessoais. Ana Maria Machado (2003), em seu escrito *O tão da teia – sobre textos e têxteis* nos conduz a um breve passeio pela história dos têxteis trazendo a mulher como centro desse fio. Tecendo uma relação com a escrita a autora constrói em seu "bordado", como ela mesma chama seu texto, uma conversa com os contos e fábulas onde a figura da mulher tecelã assume o protagonismo. Um protagonismo atravessado pelas questões de gênero de seu tempo, que retira da mulher o direito da escrita e lhe coloca o direito de tecer como algo natural. A autora nos convida a desvendar a mulher como fiadora da sua própria história, que na relação entre texto e têxteis, borda suas escritas e tece com suas mãos as condições necessárias para sua existência e re-existência.

Entre linhas, agulhas e mulheres ouvia histórias e conhecia os desafios e prazeres daquele universo feminino, e também do universo masculino que

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

circundava aquele lugar. Ficava em meus pensamentos questionando algumas coisas, como por exemplo, as atribuições dada às mulheres. As mulheres nunca paravam. Elas nunca descansavam! Estavam sempre cuidando da organização da casa e do descanso do marido. Eu seria uma mulher muito em breve, mas, era melhor ser como os homens e poder descansar. Percebo hoje o quão rico era aquele universo feminino que cresci. Estar entre as mulheres, ouvindo suas narrativas, observando seu estar no mundo, me constituía mulher, e não uma mulher passiva, mas, sim, uma mulher que, como aquelas mulheres que conheci, teima em buscar dentro de sí e enxergar no mundo a força da delicadeza. As mulheres, essas bruxas, escrevem textos com as linhas, "A mãe também imprime à casa o espaço artesanal, obsessivo e vazio de suas tarefas diárias. Costurar, bordar, cozinhar, limpar, quantas maneiras metafóricas de dizer escrever. (KAMENSZAIN, 2000, p. 02-03).

O bordado e a escrita têm uma relação estreita e desconhecida (ou pouco anunciada). Assim como as outras manualidades, como a costura, o tricô, o crochê ou o próprio ato de tecer o tecido, o bordado, durante muito tempo, cumpriu o papel de ocupar as mulheres para que estas não se ocupassem com a aprendizagem da escrita. A apropriação da escrita pela mulher, conforme Machado (2003), era vista como algo ameaçador à preservação dos valores da sociedade, "Jean-Jacques Rousseau, por exemplo, considerava as mulheres com pretensões letradas uma ameaça àquilo que definia como o domínio "natural" dos homens" (MACHADO, 2003, 185)[3]. A autora conta ainda que Rousseau "caricaturou as mulheres que estudavam" atribuindo o insucesso do lar e da família ao seu gesto de estudar, reforçando as manualidades como prática da natureza da mulher e defendendo que essa deveria ser a sua ocupação (MACHADO, 2003, 185) . Entre linhas e conversas, as manualidades constituíram-se em um espaço importante de inserção da palavra escrita no universo feminino. Com um lugar "escondido na cestinha de costura" o livro ganha espaço no universo feminino, e mesmo tendo sido tratado a priori, como uma atividade de distração (MACHADO, 2003, p.194), a leitura ganha lugar na vida das mulheres, e com ela o direito de estudar e ser quem desejar ser (aqui abro parênteses para dizer que não desconsidero nossas lutas diárias para sermos quem desejamos ser).

Ao puxar os fios de minhas memórias para bordá-las neste texto, me vejo curiosa e exitada com as relações que encontro e construo entre as linhas que tecem bordaduras e as linhas que tecem escrituras. A relação das mulheres com as linhas

[3] Sobre o posicionamento de Rousseau frente a prática da escrita na vida da mulher Maria Machado cita duas obras do autor onde o mesmo tece críticas desconstrutivas, são elas: Carta a D'Alembert (1759) e o livro Emílio (1762).

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

é tão íntima quanto a relação do têxtil com o texto. A própria origem etimológica da palavra texto remete a tecer/construir, do latim *texere* (MACHADO, 2003, p. 180). Tantas são as relações entre esses dois universos que não me atrevo a aprofundá-los aqui, apenas considero importante dizer, já que o trabalho que me proponho a mostrar se apropria tanto da escrita quanto do bordado. As *Cartas Bordadas* são fragmentos de narrativas desenhadas com linhas e palavras. São linhas que tecem escrituras bordadas misturando histórias narradas em cartas.

Linhas que se atravessam: as cartas e seu percurso

A pesquisa foi composta por três fases: A primeira se configura com um processo de busca da própria identidade onde crio bordaduras interlaçando os saberes do Norte e do Sul tendo como disparador minhas memórias, sensações e afetos, como por exemplo: estandartes, travesseiro, rede, interferências bordadas no livro "Cantos e Encantos Meriná Eremu". A segunda é marcada pela realização da proposição educativa *Delicadezas e Re-Existências* onde compartilho essas produções com os moradores das duas capitais constituintes da pesquisa. Nesse encontro, os moradores participam de uma roda de conversa junto comigo e com convidados externos dos respectivos locais, os quais, de alguma forma possuíssem em seus fazeres aproximação com as questões interculturais. Nessa etapa da pesquisa ocorre a produção de cartas a serem trocadas entre os moradores das duas cidades. Material este que vem nutrir a terceira e última fase da pesquisa que é a produção das *Cartas Bordadas*.

O percurso das cartas inicia bem antes da sua escrita. Diria que seu ensaio se dá quando retomo a prática do bordado em minha vida atribuindo a ela uma percepção artística. Depois de algum tempo longe das linhas, agulhas e tecidos me re-a-proprio do bordado para com ele tecer (e pesquisar) as questões identitárias que me atravessavam e que atravessavam o Sul e o Norte que habitava em mim. Foi nesse momento que comecei escrever e desenhar com as linhas e com elas contar sobre os processos identitários não apenas meu, mas dos povos que carregava em mim. Esse exercício aos poucos se consolida como um importante elemento dos meus fazeres de pesquisadora e docente e tem nas *Cartas Bordadas* um lugar de chegada e de partida. O lugar de chegada é representado pela não-síntese da pesquisa que traz os alinhavos das relações tecidas entre o Norte-Roraima e o Sul-Santa Catarina, construídas a partir de uma ideia de interculturalidade. A partida refere-se aos novos movimentos que ela me coloca.

A escrita das cartas que compõem a bordadura *Cartas Bordadas* iniciou em Boa Vista-RR na proposição *Delicadezas e Re-Existências na terra da Makunaima*,

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

ocorrida em 17 de maio de 2019, na Galeria de Arte Indígena Contemporânea Jaider Esbell, tendo como convidada a Mestra Indígena Makuxi Bernaldina José Pedro ou Meriná[4], como foi batizada por seu povo. Durante o encontro a Galeria abrigou a exposição das produções artísticas construídas durante a primeira etapa da pesquisa, intercalando a elas os teares da mestra Makuxi, as tipoias usadas pelas mulheres indígenas para carregarem seus filhos quando bebês e miniaturas de rede, elemento integrante da cultura indígena; assim como suas produções de pulseiras e colares feitas de miçangas e brincos feitos com sementes e penas de pássaros diversos. Foi com esse cenário e com uma mesa posta com Damurida, comida tradicional indígena feita pelas mãos de mestra Makuxi, que organizamos nossa roda de conversa. Meriná nos deu sua benção nos presenteando com uma reza e seus cantos xamânicos e iniciamos a prosa, que se deu com a apresentação da pesquisa e a escuta sobre os fazeres e saberes ancestrais que nossa convidada trazia consigo. Junto á exposição estavam papéis e canetas para que os moradores da cidade escrevessem cartas aos moradores de Florianópolis, onde mais tarde foi desenvolvida outra versão desta proposição. Na carta os moradores deveriam se apresentar, falar da sua constituição cultural e de Boa Vista. Ao se apresentarem e trazerem suas impressões sobre a cidade, os moradores provocariam, nos futuros destinatários de suas cartas, a construção de um desenho da geografia intercultural de Boa Vista e de Roraima.

Figura 01 - Delicadezas e Re-Existências na terra de Makunaima, material para escrita das cartas.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

[4] Merina faleceu em 24 de junho de 2020, com 75 anos, vítima de Covid-19

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Em 29 de junho de 2019 ocorre em Florianópolis, no Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza, a segunda edição da proposição que foi intitulada Delicadezas e *Re-Existências na Ilha da Magia*. Para esse encontro tivemos como convidadas algumas mulheres rendeiras do Centro Cultural Bento Silvério - Casarão da Lagoa e a pesquisadora Prof. Dra. Elaine Schmidlin da Universidade do Estado de Santa Catarina. Fomos agraciados com um dia de sol em uma das vistas mais lindas da cidade, no bairro Sambaqui. Era para as 15h e 30min que estava marcado o encontro, o espaço já estava organizado com os trabalhos artísticos produzidos por mim, distribuídos no jardim do Armazém que nos acolhia com as sombras das suas árvores centenárias. E na cozinha nos esperava para a despedida do encontro Mugunzá e Damurida, duas comidas muito consumidas nas duas cidades: a primeira em Florianópolis e a segunda em Boa Vista. Assim, no espaço acolhedor da cozinha, degustávamos sabores e saberes culturais e selávamos esse encontro intercultural. As rendeiras do Casarão da Lagoa da Conceição trouxeram nesta tarde ensolarada um pouco da tradição da renda de bilro por meio das suas histórias de vida e do trabalho que realizam. Eliane nos presenteou com suas experiências de pesquisa vividas nas terras portuguesas, por onde andarilhou em busca de conhecer um pouco mais sobre a tradição do bordado nas regiões de Caldas da Imperatriz, Óbidos, Guimarães, Peniche e Viana do Castelo.

As cartas escritas pelos moradores de Boa Vista-RR na primeira edição de *Delicadezas e Re-existência(s)* estavam á espera dos moradores da Ilha da Magia. Compondo o cenário com os objetos artísticos estavam as cartas, dentro de envelopes e penduradas em uma rede de pescador que se acomodava em uma das árvores do *Armazém*. Ao chão, abaixo da rede, havia uma sacola de crochê feita por mim no início da pesquisa que chamei de "sacola das palavras", abrigando papéis em branco e canetas, para que os participantes pudessem responder as cartas recebidas. Cada participante então, foi convidado a retirar da rede uma carta, ler e responder, falando também um pouco de sí e da cidade que habitava.

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Delicadezas e Re-Existências na Ilha da Magia, exposição das cartas escritas pelos moradores de Boa Vista-RR e material para escrita da resposta as cartas recebidas. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Cartas bordadas

Trago aqui meus bordados, ou parte do lavor (trabalho com agulha feito em relevo), que desenvolvi durante a pesquisa de Estágio Pós-Doutoral: as *Cartas Bordadas*. Foi cheia de dúvidas e experimentações, que iniciei mais uma etapa do processo da pesquisa. Agora seria a etapa em que buscaria representar por meio das linhas, agulhas e tecidos a materialização de um diálogo intercultural entre as vozes do Norte e do Sul. Construir um material artístico onde as vivências ocorridas nos dois lugares/cidades pudessem estar re-apresentadas. Onde as vozes narradas pelos moradores de Boa Vista-RR e Florianópolis-SC estivessem presentes e conversando. Cartas costuradas, bordadas, emendadas umas nas outras. Essa sempre foi a ideia, desde que a pesquisa tomou essa forma alinhavada de ser. Mas, é preciso dizer que muitas foram as tentativas e que muitos foram os fracassos que levaram ao exercício de re-invenção constante. Esse processo da pesquisa foi atravessado pelo tempo pandêmico em que vivemos devido ao novo coronavírus (SARS-CoV-2). Pela necessidade de distanciamento social e a impossibilidade de acesso a materiais que inicialmente havia pensado para a produção dessa "bordadura de narrativas".

Inicialmente havia pensado na construção de uma colcha que seria

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

composta por quadrados de crochê e as cartas impressas em tecido. Como não tinha em casa linha de crochê suficiente e também não havia como imprimir as cartas no tecido, pois exigiria romper o distanciamento social, comecei a pensar a partir das possibilidades que os materiais disponíveis em casa me permitiam criar. Foi então que pensei em bordar fragmentos das cartas de ambas as cidades. Vasculhando os guardados encontrei um tecido preto, que a meu ver estava á espera de ser preenchido com outras coisas além de si. Ledo engano. Não funcionou. O tecido era muito resistente e não permitia que a agulha adentrasse o seu corpo. Estaria eu com a agulha errada? Ou seria a vontade do tecido em permanecer apenas com sua negritude encantadora?

Continuando a busca por possíveis suportes encontro roupas que já não eram mais habitadas. Estavam guardadas para doação e outras guardadas para serem recortadas e costuradas em alguma invenção qualquer. Pensei: vou bordar em retalhos dessas roupas e depois costurar e fazer uma "colcha de retalhos bordados". Bastidor, linhas e agulhas em mãos e… vamos lá! Mais um fracasso. Tecidos muito maleáveis. E novamente a pergunta: Estaria eu com a agulha errada? Ou seria a vontade do tecido em permanecer apenas com as marcas de andanças dos corpos que o habitaram? Volto outra vez a garimpar tecidos. Tecidos novos?! O que tenho de tecidos novos em casa? Vasculho agora as malas que trouxe de Florianópolis-SC para Boa Vista-RR (estou de volta a Roraima, cheguei dois dias antes de iniciar a pandemia no Brasil e da orientação de distanciamento social). Encontro alguns retalhos de tecido de algodão que costumo usar para os meus bordados. Esses mesmos tecidos têm me acompanhado ao longo da pesquisa, são viajantes. Andaram comigo por lugares que transitei nesse período, eles também possuem suas marcas de andarilhagem. Abrigam as marcas das pessoas que o manusearam antes de mim, e também daquelas que o tocaram (em vivências artísticas realizadas durante a pesquisa), mas não o escolheram para imprimir suas marcas bordadas. Verifico a quantidade de tecido disponível e concluo que será possível. Tenho 4 retângulos de 50x40 e 1 retângulo de 100x80. As agulhas estão familiarizadas com esse tecido. Ele e ela se relacionam bem, se aceitam, permitem deixarem-se marcar. Sim! Ambos produzem marcas.

A agulha é marcada pelo tecido que perfura. O tecido provoca desgastes na agulha quando imprime nela sua resistência. Da mesma forma a agulha marca o tecido quando o perfura para fazer seus desenhos acompanhada de sua amiga - a linha. Tecido, agulha e linhas se tocam, dialogam e imprimem marcas umas nas outras. Assim são os encontros que nós seres humanos vivemos, marcantes. Alguns até provocam modificações profundas e avassaladoras em nosso ser… outros passam como uma brisa fina daquelas que toca suavemente a pele e que

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

é preciso estar muito distraído para prestar atenção (este último também causa transformações profundas, mas seu ritmo é de outra ordem).

Delicadezas e re-existencia(s) foi um espaço provocador de encontros. Encontro de pessoas grávidas de mundos esperançosos, como diria Paulo Freire. Mundos criados e nutridos de tantos jeitos e formatos, mas, todos, mundos ricos e conversadores, buscadores de palavras, curiosos, acolhedores e dispostos a trocarem. Trocarem abraços, afetos, saberes. Trocarem cartas escritas com e por mãos curiosas, agitadas, cuidadosas, receosas. Mãos que já não estão mais acostumadas a escrever cartas. A falar do corpo que habita com caneta e papel. Assim como o gesto de bordar, escrever cartas requer reconectar-se com o corpo, pois não são apenas as mãos que se movimentam e, sim, o corpo todo, a alma toda.

Escrever uma carta falando de sí a um desconhecido… Conhecer uma pessoa ou um lugar através de uma carta e deixar-se desvendar também… esse foi o movimento provocado pelo processo de troca de cartas que aconteceu entre os moradores de Boa Vista-RR e de Florianópolis-SC. Provocação que ocorreu inicialmente de forma despretensiosa e que ganhou um protagonismo na pesquisa, simbolizando o movimento dos corpos que se constituem e se modificam a partir de suas experiências e de seu estar no mundo. Saberes e fazeres em processo e em movimento contínuo. Trocas interculturais se constituindo/construindo. Como contemplar as tantas dimensões que as cartas provocaram por meio do bordado? Como representar tantos saberes/fazeres/sensações/estórias/memórias? Não sei. Não tenho uma resposta. Tenho uma proposta, uma proposição educativa: as *Cartas Bordadas*. E sobre isso, sobre a ação de bordar cartas, sou tomada pelas palavras da artista Edith Derdyk (2010, não paginado) e considero "Incrível saber que se não tivesse feito algo, simplesmente este algo não existira. É uma questão de poder fazer. A arte é condicional, voluntária, artificial. A vida é incondicional, involuntária, natural". E quanto "incondicional, involuntária e natural" se mostrou a vida para mim durante os movimentos desta pesquisa!!!

Bordar as cartas buscando um movimento dialógico e intercultural entre elas, foi o desafio que me coloquei. Mas como fazer isso? Como intercruzar as palavras? Bordar as cartas em sua íntegra demandaria muito tempo e material. O processo do bordado requer um tempo vagaroso, cuidadoso. Um tempo que não cabe nos prazos que costumamos estabelecer no universo acadêmico, e que por isso exige recortes e tomadas de decisões. Então, decidi que iria selecionar fragmentos das cartas, de Boa Vista-RR e de Florianópolis-SC, e bordar de forma intercalada. Mas, quais fragmentos seriam? Como selecioná-los? Comecei

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

então um outro processo e para me acompanhar na caminhada me cerquei de alguns "novos materiais": 1) convidei um caderno feito a mão que possui folhas amareladas (sem linhas) e capa de couro ilustrada com o desenho da obra "América Invertida" do artista hispano-uruguaio Joaquin Torres Garcia, feita nos idos de 1943. O caderno foi presente de um precioso amigo, e em sua primeira página faz um convite a quem se apropriar dele sugerindo ser preenchido como um "Caderno de Viagens". Ora, pensei eu, um "Caderno de Viagens" seria perfeito para registrar etapas de uma pesquisa marcada pelas viagens entre o Norte e o Sul – Boa Vista e Florianópolis. Afinal, foram duas moradas durante esse período! Idas e vindas de Norte a Sul e de Sul a Norte, assim como no mapa que ilustra a capa do caderno, essa pesquisa atravessou a Linha do Equador e modificou direções. O caderno virou então meu companheiro de experimentações, se desvendando um bom ouvinte e conselheiro, abrigando escritas, desenhos, rasuras e rascunhos do que seriam bordados; 2) para fazer companhia ao caderno resgatei a "sacola das palavras" que havia abrigado os papéis e canetas que convidaram os moradores de Florianópolis-SC à escrita das cartas aos moradores de Boa Vista-RR. A "sacola das palavras" passou a abrigar as cartas das duas cidades e a presenciar o processo de seleção dos fragmentos a serem bordados.

Figura 03 - A "sacola dos guardados" e as cartas escritas e trocadas.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Attribution 4.0
International
(CC BY 4.0)

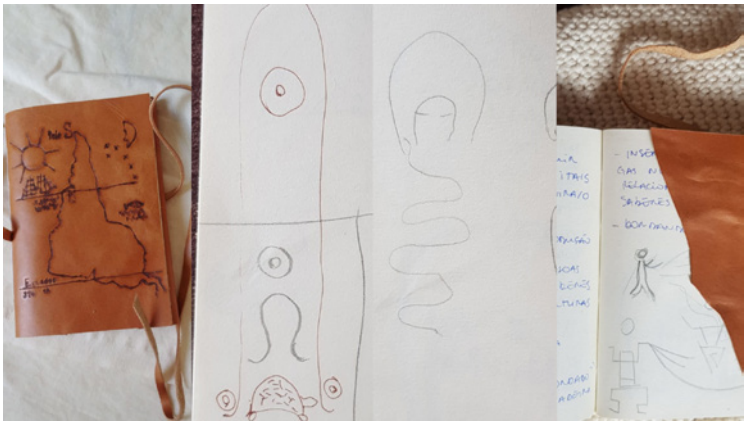

Figura 04 - Caderno com os registros dos rascunhos/projetos das Cartas Bordadas.

Para a seleção dos fragmentos a serem bordados eu retirava, de forma aleatória, da "sacola das palavras" uma carta escrita pelos moradores de Boa Vista-RR e outra escrita pelos moradores de Florianópolis-SC. Fazia a leitura das mesmas e selecionava fragmentos e elementos que, para mim, estivessem representando aspectos culturais ou experiências da pessoa em seu lugar de morada. Algumas cartas continham não só escrita, mas também desenhos representando o lugar onde moravam ou sua cultura, como por exemplo os grafismos indígenas. Assim, fui escolhendo as palavras e os desenhos e criando a partir deles e com eles desenhos e escritas minhas, pois bordar é imprimir no tecido as digitais da bordadeira(o). Cada bordadeira ou bordadeiro tem a sua marca, a sua identidade que diz do seu processo criativo e dos elementos que atravessam esse fazer. O bordado possui uma caligrafia que é própria a cada pessoa que borda, como diz a bordadeira Marisa Silva. Dessa forma, os bordados realizados nesta pesquisa tecem diálogos interculturais não apenas a partir das narrativas dos moradores das duas cidades, mas também a partir das minhas narrativas, nele está impresso uma caligrafia única, formada por elementos culturais/identitários nossos.

Cartas Bordadas é então a última proposição educativa desse processo de pesquisa iniciado no Estágio Pós-Doutoral. Uma proposição educativa que não pretende ser síntese, mas, sim, lançar fios soltos para construção de outros desenhos e escritas.

Attribution 4.0
International
(CC BY 4.0)

Figura 5: Cartas Bordadas. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Figura 6: Cartas Bordadas. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Attribution 4.0
International
(CC BY 4.0)

Figura 7: Cartas Bordadas. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

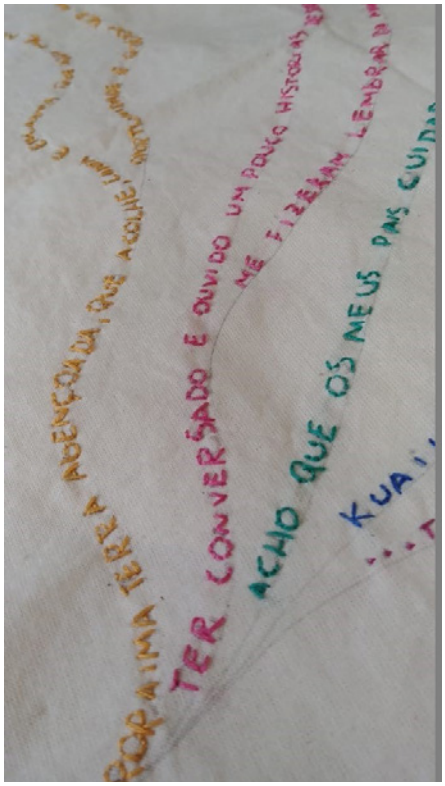

Figura 8: Cartas Bordadas. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Figura 9: Cartas Bordadas. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Figura 10: Cartas Bordadas – Elza. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

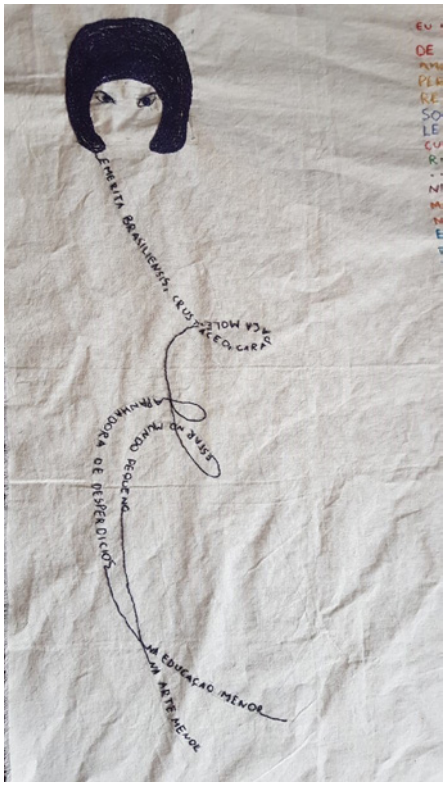

Figura 11: Cartas Bordadas – referência ao Espaço Cultural Armazém Coletivo Elza.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Attribution 4.0
International
(CC BY 4.0)

Figura 12: Cartas Bordadas - Jabuti. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

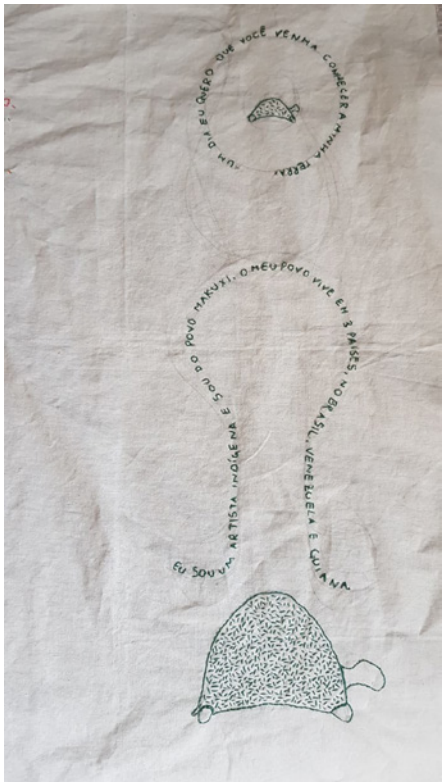

Figura 13: Cartas Bordadas – referência a Galeria de Arte Indígena Contemporânea Jaider Esbell. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

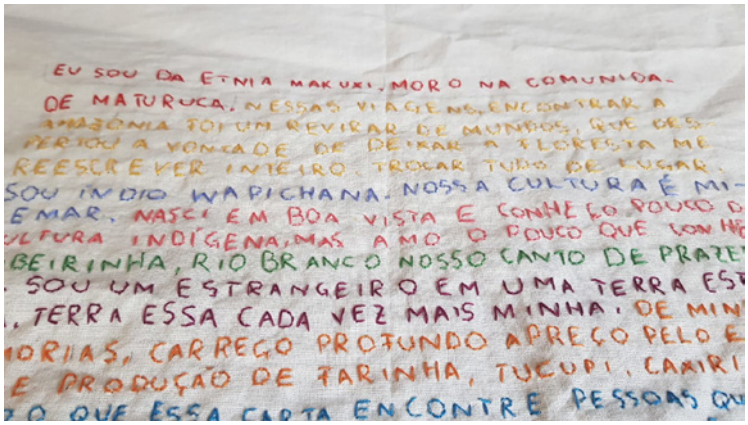

Figura 14: Cartas Bordadas. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

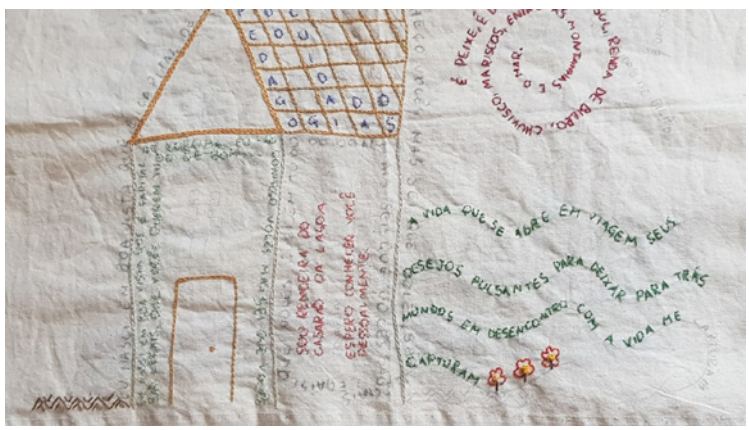

Figura 15: Cartas Bordadas. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

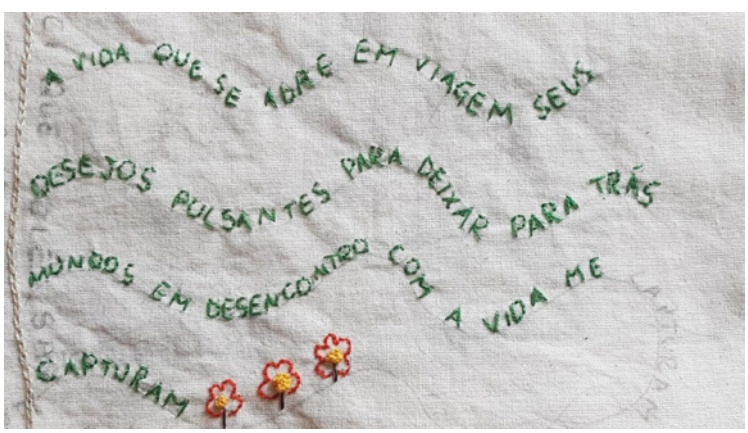

Figura 16: Cartas Bordadas. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Attribution 4.0
International
(CC BY 4.0)

O último ponto, sem arremates

> Ir e vir. Pontos e linhas. São as costuras cosidas no tecido, emoldurando a nossa porção de tempo brindada pela eternidade. (DERDYK, 2010, não paginado)

As *Cartas Bordadas* e as demais proposições educativas desenvolvidas no percurso dessa pesquisa sinalizam possibilidades para pensar a educação e nosso fazer pedagógico. Elas abrem um campo de possibilidades para o exercício da escuta do(s) outro(s) que compõem conosco o ambiente educativo. Também nos provoca para o fato de que nos educamos permanentemente por meio de nossas imersões no mundo, como já nos anunciava Paulo Freire, e que escola e universidade podem estar fora de seus muros. Nesse processo, o bordado e as cartas se apresentam como possibilidades férteis para o trabalho com educação, sendo elas próprias proposições possíveis para o ensino das artes e das pedagogias… A partir delas pode-se se propor caminhadas coletivas onde os indivíduos e suas aprendizagens se des-in-visibilize, pois suas experiências passam a ter espaço de existência e re-existência.

O último ponto em uma bordadura sempre remete a seu arremate. Arrematar bem o bordado ou a costura significa dar a ele ou a ela uma durabilidade maior, pois as chances do tecido e das linhas desfazerem naturalmente o processo feito por nós diminuem. Espera-se então que toda a boa bordadeira(o) arremate bem os pontos finais do/no seu bordado, o deixando perfeito, assim como todo o seu avesso. No entanto, o lado do avesso é tão rico quanto o lado direito. O avesso conta o percurso das linhas e torna o lado direito possível. As marcas de um caminho seus arremates e re-começos, podem ser vistos no lado avesso do bordado. Aqui, não pretendo fazer arremates, prefiro deixar os fios e o tecido livres para se re-fazerem. A liberdade os tornará potentes para anunciarem novos caminhos.

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

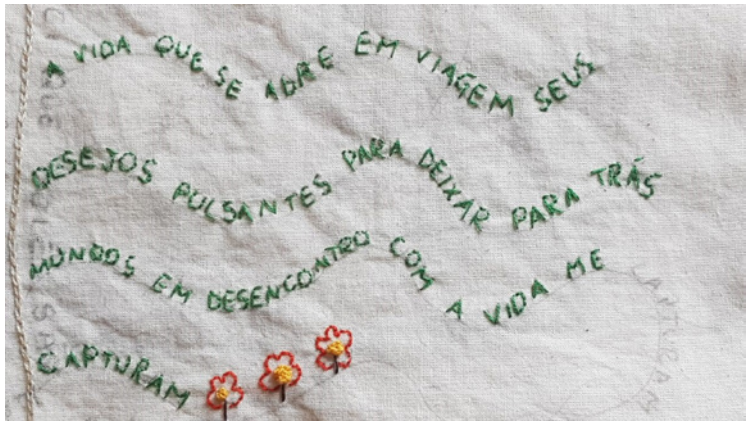

Figura 17: Cartas Bordadas - Avesso. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A pesquisa concluída em 2020, deixa os fios soltos para a construção de futuras bordaduras investigativas a serem construídas ao longo da trajetória de professora e pesquisadora que sigo a construir. Algumas dessas bordaduras já estão acontecendo e terão posteriormente um lugar de registro e reflexão de suas práticas. Por ora trago à leitora e ao leitor apenas as experiências com as Cartas Bordadas e alguns dos atravessamentos deixados por elas.

Com o desejo de atravessamentos e alinhavos, me despeço!

Referências

DERDYK, Edith. **Linha de Costura**. 2° Edição. Belo Horizonte. Editora C-Arte, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FIOROTTI, Devair; PEDRO, Bernaldina José. **Cantos e encantos: Meriná Eremu**. 1. ed. São Paulo e Boa Vista: Patuá e Wei, 2019.

KAMENSZAIN, Tamara. **Bordado e costura do texto**. Historias de amor (y otros ensayos sobre poesía) Buenos Aires, Paidós, 2000. Tradução: Clarisse Lyra. https://pt.scribd.com/document/270123738/Kamenszain-Bordado-e-Costura-Do-Texto. Acessado em 17 de junho de 2021.

MACHADO, Ana Maria. **O tão da teia: sobre textos e têxteis**. Revista Estudos avançados 17 (49), 2003. Páginas 173-197. https://www.revistas.usp.br/eav/

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

article/view/9951. Acessado em 17 de junho de 2021.

SILVA, Marisa. **Fio as cinco em pontos**. Rio de Janeiro 2 de julho de 2020. @ marisabordadeira. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CCJ3skfJHyz/. Acessado em 03 de julho de 2020.

Recebido 30 jul. 2021.
Aceito 22 set. 2021.

As obras deste periódico estão licenciadas com
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Attribution 4.0
International
(CC BY 4.0)